

# **CRÍTICA E UTOPIA**

**PERSPECTIVAS BRASILEIRAS E ALEMÃS**

CONSELHO EDITORIAL

Alex Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Laranjeira - UTP  
Carla Rodrigues – PUC-RJ  
Ciro Marcondes Filho – USP  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP  
Erick Felinto – UERJ  
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Michel Maffesoli – Paris V  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Pierre le Quéau – Grenoble  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Sandra Mara Corazza – UFRGS  
Sara Viola Rodrigues – UFRGS  
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS  
Vicente Molina Neto – UFRGS

# CRÍTICA E UTOPIA

PERSPECTIVAS BRASILEIRAS E ALEMÃS

(Organizadores)  
RAINER E. ZIMMERMANN  
ROSALVO SCHÜTZ



*Editora Sulina*

© Organizadores, 2012

Capa:  
Lorenzo Ellera Bocchese

Editoração:  
Vânia Möller

Revisão:  
Matheus Gazzola Tussi

Revisão gráfica:  
Miriam Gress

Editor:  
Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP  
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

---

C934

Crítica e utopia: perspectivas brasileiras e alemãs / organizado  
por Rainer E. Zimmermann e Rosalvo Schütz. -- Porto Alegre:  
Sulina, 2012.  
286 p.

ISBN: 978-85-205-0666-0

1. Filosofia. 2. Teoria do Conhecimento. 3. Filosofia Alemã.  
4. Crítica Filosófica. 5. Utopia – Filosofia. I. Zimmermann, Rainer E.  
II. Schütz, Rosalvo.

CDD: 100

120

CDU: 101

---

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim

Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS

Tel: (51) 3311-4082

Fax: (51) 3264-4194

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Outubro/2012}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

“A filosofia não é síntese, ciência básica ou ciência cúpula,  
mas o esforço de resistir à sugestão,  
a decisão resoluta pela liberdade intelectual e real.”

*Adorno & Horkheimer*



# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

Crítica e Utopia: horizontes e interfaces .....	11
<i>Rosalvo Schütz</i>	
<i>Rainer E. Zimmermann</i>	

## PARTE I

Topografias do esquecimento .....	25
<i>Francesca Vidal</i>	
O retorno à <i>Erste Natur</i> : Schelling e Merleau-Ponty .....	54
<i>Claudinei Aparecido de Freitas da Silva</i>	
O ciclo “vital” da cultura em Nietzsche: superação contínua de valores .....	75
<i>Wilson Antonio Frezzatti Jr.</i>	

## PARTE II

O papel do trabalho no pensamento antigo e moderno .....	93
<i>Jadir Antunes</i>	

O que faz da teoria de Karl Marx uma teoria crítica?	
Convergências entre Theodor Adorno e Enrique Dussel .....	120
<i>Rosalvo Schütz</i>	

<i>Aufhebung</i> – Ideias sobre uma categoria fundamental da filosofia dialética .....	151
<i>Wolfdietrich Schmied-Kowarzik</i>	

## PARTE III

Procedimentos de minoração: do teatro de Carmelo Bene à filosofia de Deleuze .....	171
<i>Ester Maria Dreher Heuser</i>	

O teatro como nova “Odisséia Espacial (Social)” .....	192
<i>Silvia Mazzini</i>	

## PARTE IV

Wittgenstein sobre a natureza plural e não consensual da vontade política .....	217
<i>Horácio Luján Martínez</i>	

Ética e Política: por uma nova teoria da complexidade social do espaço .....	235
<i>Rainer E. Zimmermann</i>	

A interação teoria, matéria e mente .....	260
<i>Remi Schorn</i>	

Sobre os organizadores .....	285
------------------------------	-----



# INTRODUÇÃO



## CRÍTICA E UTOPIA: horizontes e interfaces

É possível fortalecer nossa capacidade utópica sem abrir mão da crítica e criticar sem deixar atrofiar a utopia? Em que medida nossa autonomia e capacidade crítica se relacionam com a natureza? Que função tem, no mundo moderno, a natureza na formação dos sujeitos? Seria possível conciliar cultura e natureza a partir de uma unidade originária anterior a essa cisão? O que significa natureza no contexto dos espaços sociais da atualidade? Em que expressões humanas e naturais se evidenciam sinais de superação da realidade atual? Como a filosofia deve e pode se posicionar diante de questões dessa natureza? Motivados por esse tipo de questões, o projeto deste livro ganhou vida. Afinidades eletivas entre contextos filosóficos tão diversos como os do Brasil e da Alemanha se materializaram: se deixaram pôr no papel e servem agora, inclusive, para evidenciar as particularidades desses contextos.

Lançado o desafio, iniciamos a elaboração dos textos. No exercício da escrita pudemos nos convencer de que é no confronto e na tematização dos temas que nos afligem contemporaneamente que se evidencia o potencial da filosofia. A capacidade de sermos tocados por questões e aspectos não explícitos e, por vezes, ainda não conscientes, é a fonte de vitalidade filosófica: não por acaso que desde sua origem a filosofia encontra seus impulsos mais vigorosos na admiração. Pensar o que não foi pensado ainda, lançar novos olhares sobre o real e, simultaneamente, apontar para o que pode ser, mas que ainda não é: eis o desafio. Convencemo-nos cada vez mais de que o filosofar é constituinte da própria realida-

de, do vir a ser do próprio mundo. Além de ser autoconsciência de sua época, a filosofia também pode, pois, anunciar potenciais imanentes e latentes na realidade, sugerir um futuro aberto e autêntico, ainda por ser construído. Nesse sentido, parece-nos que a filosofia jamais pode ser “domesticada” e toda tentativa de enquadrá-la em esquematismos prévios ou predeterminá-la anuncia uma tentativa parricida. E é contra os determinismos de qualquer origem que, na filosofia, unem-se crítica e utopia.

Este livro é fortemente marcado por esta concepção simultaneamente crítica e esperançosa, dimensões constituintes da filosofia desde a sua origem. Primeiramente seu objetivo consistiu em apresentar olhares filosóficos atualizados e plurais – a partir de pesquisadores do Brasil e da Alemanha – sobre uma questão que vem intrigando e desafiando cada vez mais gente na atualidade: a relação entre natureza, espaços sociais e formação do sujeito. Percebemos que essas questões estavam sendo tematizadas em várias fronteiras do pensamento<sup>1</sup>, mas que também na história da filosofia muitas vezes essa relação entre natureza e sociedade fora tematizada de forma explícita. Na medida, no entanto, em que os textos aqui apresentados foram sendo elaborados, relidos, discutidos, traduzidos e reelaborados, esse olhar intencional inicial foi ganhando novos contornos. Como se a própria linguagem e as temáticas estivessem adquirindo vida própria e nos sugerindo novos caminhos: a temática filosófica central foi migrando. Assim, transitamos das questões inicialmente voltadas para a relação entre natureza e cultura e a formação do sujeito para reflexões sobre o próprio olhar filosófico sobre as coisas, para o exercício filosófico. Pouco a

---

1 Especialmente no âmbito do convênio entre o PPG em Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/Brasil) e a Universidade de Ciências Aplicadas de Munique (Alemanha) esta temática foi adquirindo centralidade.

pouco fomos percebendo que todos os textos, embora focados em temas específicos, consistiam em exercícios de uma concepção viva de filosofia: crítica e utopia se encontram em todos os escritos, mesmo que não de forma explícita e com intensidades e ênfases diferenciadas. Lancemos, resumidamente, um olhar sobre os textos, nessa perspectiva.

Percebemos que, no decifrar filosófico dos lugares memorativos, sugerido por Francesca Vidal em seu texto *Topografias do esquecimento*, se revelam simultaneamente a memória cultural e a topografia do esquecimento, ou seja, espaços de comunicação e esquecimentos que podem gerar significados e marcar o horizonte utópico de uma determinada cultura ou indivíduo. Dessa forma, o próprio esquecimento pode adquirir uma importância vital, constitutiva e positiva na definição desse horizonte de futuro onde está por se realizar/concretizar “algo do passado que ainda não perdeu sua validade” e que, por isto, vale a pena ainda ser lembrado. Pode-se, assim, falar de uma arte do esquecimento: aquilo que é lembrado e o modo como é lembrado depende do modo como o próprio futuro é considerado e vice-versa. Não é por nada que nas sociedades há conflitos em torno do que deve ser esquecido e do que deve ser lembrado.

Apoiado em Schelling e Merleau-Ponty, Claudinei Aparecido de Freitas da Silva, em seu texto *O retorno à Erste Natur: Schelling e Merleau-Ponty*, visualiza uma concepção de natureza enquanto legisladora de si mesma, em que o próprio ser humano se compreende como parte constituinte dela. Dessa forma, tornou-se possível uma crítica profunda à metafísica que orienta a concepção moderna de natureza, sintomaticamente marcada pela tradição cartesiana que tende a cindir sujeito e objeto de forma irreconciliável. É na produtividade da natureza original que se funda quer a produtividade humana, quer a própria atividade filosófica. Ao dar vazão à ideia de “natureza primordial”, Merleau-Ponty

perspectiva, na esteira de Schelling, um importante projeto utópico, a saber, a restituição da unidade originária entre homem e natureza.

Com o texto de Wilson Frezzatti sobre *O ciclo “vital” da cultura em Nietzsche: superação contínua de valores*, se torna possível perceber que, na medida em que Nietzsche tematizou a concepção de cultura, ele realizou uma crítica profunda à civilização ocidental, uma vez que, segundo ele, estava sendo inviabilizado o desenvolvimento de “impulsos potentes”. Essa crítica somente parece possível na medida em que está pressuposta certa utopia. Ou seja, aquilo que possibilita a crítica desse autor ao niilismo da sociedade ocidental revela que Nietzsche não pode ser considerado um niilista: sua filosofia possui uma utopia pressuposta desde onde seus argumentos se tornam possíveis, desde onde a decadência dos impulsos poderia ser estancada.

Da exposição de Jadir Antunes sobre *O papel do trabalho no pensamento antigo e moderno* podemos perceber que a concepção de trabalho pode moldar a capacidade de intervenção ou de acomodação no mundo. Ao evidenciar alguns aspectos da diferença entre a concepção antiga e moderna de trabalho, bem como a função que lhes é atribuída, revelam-se também as utopias sociais subjacentes, desenterram e liberam-se novas possibilidades históricas de práxis social. Exemplarmente se poderá perceber que esses pressupostos podem moldar e estruturar toda uma sociedade emprestando-lhes legitimidade ou fornecendo elementos para a sua crítica. Essa leitura crítica da concepção de trabalho vislumbra e instiga novas possibilidades de futuro.

No texto de Rosalvo Schütz, *O que faz da teoria de Karl Marx uma teoria crítica? Convergências entre Theodor Adorno e Enrique Dussel*, nos é sugerida uma reflexão sobre o que vem a ser uma teoria crítica. Teorias como as de Marx se tornam vigorosamente críticas na medida em que são impulsionadas por questões e temas que transcendem a realidade

na forma como ela se apresenta, na medida em que são sugeridas compreensões inéditas do mundo a partir do “não idêntico” do “não ser”. É no “desde onde” os argumentos se constituem que se revela tanto a origem da possibilidade da crítica quanto as utopias pressupostas na filosofia. Olhares produtivos sobre a potencialidade crítica da teoria de Marx, como as do pensador latino-americano Enrique Dussel e de Theodor Adorno (que estão entre os principais expoentes da Filosofia da Libertação e da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt), apontam justamente para essa postura fundamental de Marx.

Ao nos sugerir um olhar multifacetado em torno do significado do termo *Aufhebung*, Wolfdietrich Schmied-Kowarzik nos mostra, em seu texto *Aufhebung – ideias sobre uma categoria fundamental da filosofia dialética*, que até mesmo a tematização de conceitos tradicionais da filosofia, como o termo em questão, revelam que o teor crítico e utópico pode receber diferentes significados no interior de determinados pensamentos. No texto pode ser percebido exemplarmente o quanto o significado filosófico de um conceito pode levar tanto à resignação frente à realidade quanto ao impulso para a sua transformação. As diferentes nuances em autores como Hegel, K. Marx, T. Adorno, H. Lefebvre e F. Schelling levarão o leitor a caminhos e a perspectivas inéditas e surpreendentes. Schmied-Kowarzik escreve esse texto após mais de 30 anos de pesquisa sobre o tema (período em que, dentre outras coisas, orientou nove teses de doutorandos brasileiros em filosofia na Universidade de Kassel, Alemanha).

Os olhares filosóficos sobre o teatro mereceram uma atenção especial em dois textos. Ao que parece, esses textos se tornaram tão instigantes e produtivos por se deixarem afetar pelo seu caráter utópico – que ao mesmo tempo se torna crítica – imanente à própria arte cênica. O primeiro

texto que tem como centralidade temática o teatro é o de Ester Maria Dreher Heuser, intitulado *Procedimentos de minoração: do teatro de Carmelo Bene à filosofia de Deleuze*. Nele veremos que “a processualidade do pensamento instaurada pela e na criação artística” merece atenção especial no pensamento de Deleuze. Aqueles que inventam seus próprios procedimentos, desfazendo padrões e sugerindo novos caminhos, são o centro das atenções, “forças e potências de futuro”, a fonte da vitalidade filosófica para esse autor. Por isso o teatro de Carmelo Bene que, segundo Deleuze, “não se ocupa de dar visibilidade ao Poder, mas à potência, ao devir”, pode ser tomado como uma referência exemplar que, assim como a filosofia, é capaz de libertar “potencialidades que produzem um novo ‘devir da consciência minoritária’ e possibilitam a invenção de outros mundos”.

Outro texto que tem como centralidade o diálogo com o teatro é o texto de Silvia Mazzini. *O teatro como nova “Odisséia Espacial (Social)”* é a materialização de um exercício que busca pensar um lugar, uma odisséia desde onde se viabilize uma crítica à metafísica que rege e está pressuposta pela sociedade ocidental. Mas uma odisséia que “não tem mares, ciclopes ou sereias, mas se passa entre espaços, imagens e vestígios futuros”! Um olhar filosófico sobre um filme como *2001: uma odisséia no espaço* e sobre o teatro enquanto revelações de “mundos” onde os pontos de orientação usuais não mais existem, onde a unidade entre homem e natureza atinge novos patamares qualitativos, onde a imaginação une arte e tecnologia de forma concreta. Mundos que sugerem uma nova simbiose entre sociedade e natureza, e uma remodelagem crítica das relações atuais. No *theatrum mundi* há constantemente algo de teatralidade na qual não há nada de “fixo e absoluto, mas apenas ‘uma transição’, algo provisório, que não tem em si nenhuma base real”, mas onde se celebram as utopias coletivas de uma cultura.



Horácio Lujan Martínez, em seu texto *Wittgenstein sobre a natureza plural e não consensual da vontade política*, nos propõe uma reflexão que sugere uma crítica profunda à concepção da política predominante na atualidade. Quando pensamos em política geralmente somos tomados por certa aversão, pelo fato de ela ser um palco dos mais diversos tipos de conflitos e disputas. Muitas vezes somos levados a inferir que consensos racionais eliminariam esses conflitos. Ora, uma democracia radical talvez tenha que ser pensada justamente a partir da pluralidade pressuposta nos próprios conflitos. A crítica à concepção atual de política (que, em nome da harmonia, execra pluralidade!) se torna assim a fundamentação de uma concepção de democracia radical que exige a pluralidade. Política enquanto espaço vital em permanente transformação “derivada do embate de forças com diferentes graus de oposição”, embate que não leva à autodestruição do debate. Essas reflexões se tornaram possíveis principalmente a partir de Wittgenstein, em que às “formas de vida” e às “imagens de mundo” – a partir das quais se pode afirmar, negar ou duvidar de alguma coisa – é atribuída uma pluralidade intrínseca. Assim se torna possível criticar uma concepção demasiadamente racionalista de política e visualizar uma nova, baseada e construída a partir da pluralidade de concepções e de práticas realmente existentes, e que, portanto, valoriza o próprio agonismo político.

Na tematização filosófica dos espaços sociais feita por Rainer E. Zimmermann em *Ética e Política: por uma teoria de complexidade*, nos é sugerido que há fundamentos éticos na base da constituição do conceito de harmonia pressuposto na estruturação dos próprios espaços. Ética, espaços sociais e política revelam, assim, uma unidade profunda. A própria unidade entre natureza e sociedade está aí imbricada e o espaço social pode ser considerado como que a efetivação/concretização conjunta desses pressupostos. A te-

matização filosófica dos espaços sociais se torna ainda mais inovadora na medida em que aponta para aquilo que está latente neles, para aquilo que ainda não é, mas que pode ser em uma determinada sociedade, em um determinado espaço social. Podemos dizer que as formas como compreendemos esses espaços são antes autorreferências do que algo exterior a nós: “o ser humano, ao retratar o seu ambiente, retrata a si mesmo”. Os desafios tanto científicos quanto políticos ou de uma simples “execução de um *design* apropriado de bairros residenciais” apontam para perspectivas pouco comuns.

Um olhar crítico e diferenciado sobre a constituição do eu e sua interação com o cosmos e o conhecimento, realizada por Remi Schorn em seu trabalho *A interação teoria, matéria e mente*, revela que, apoiados em Karl Popper, podemos perceber que o conhecimento científico não pode ser absolutizado, uma vez que há interdependência constante com o nosso próprio eu, bem como com nossa noção de cosmos, ou seja, também o conhecimento é carregado de utopias e que elas devem ser explicitadas e criticamente repensadas. Perceber que o eu, o cosmo e o conhecimento se constituem de forma autônoma, entretanto, como mundos cuja mútua existência é vital a cada um em particular, revela, simultaneamente, um ser humano pluridimensional que não pode ser esgotado nos moldes da relação dual tradicional, já que ele é a entidade ativa, criativa e copartícipe de ambos os mundos. Além disso, essa concepção aponta para o caráter de particularidade de cada ser, uma vez que a configuração entre esses “três mundos” se dá de forma única em cada indivíduo. A crítica à concepção tradicional de sujeito e de conhecimento simultaneamente fornece um antídoto tanto contra o pretencioso absolutismo científico quanto contra todas as formas de organização social supostamente baseadas em “enunciados definitivos” e em “certezas metafísicas”. Certamente podemos dizer que, assim como a crítica é a via

mais segura de se buscar manter a saúde teórica, ela também é parteira daquilo que ainda não é: a utopia.

Ou seja, fomos percebendo, no conjunto dos textos, que a filosofia, quando deixa de ser apenas história da filosofia, tende a ser marcadamente crítica, mas também utópica. Crítica sem utopia parece tender para o fatalismo, para a indiferença. Utopia sem crítica tende a ser degradada em pura fantasia e ilusão. Sem a articulação dessas duas dimensões, a filosofia tende a sucumbir frente a esquematismos prévios ou degenerar em um jogo de palavras vazias. Apresentamos, pois, um livro que é, simultaneamente, uma apresentação constelativa (diferentes olhares, apoiados em diferentes autores) sobre uma temática específica da mais alta atualidade (sujeitos, natureza e espaços sociais), mas que constitui também uma experiência de exercício filosófico. São reflexões que pretendem ir até as fronteiras do pensamento e das utopias, sem deixar de manter o “pé no chão”.

Na história da filosofia provavelmente nenhum autor se debruçou de forma tão intensa sobre questões relacionadas com crítica e utopia como Ernst Bloch. Por marcar de forma significativa a concepção deste livro e ser referido em vários textos, nos permitimos dizer algumas palavras sobre esse pensador. Denominado, por Jürgen Habermas, de Schelling marxista, Ernst Bloch vem sendo cada vez mais estudado na atualidade, devido, principalmente, às suas reflexões originais sobre a natureza e o caráter constitutivo da utopia, tanto para os indivíduos e a sociedade, quanto para a própria natureza. O seu pensamento está, por um lado, profundamente marcado por uma reflexão herdada de uma tradição que passa por autores como Spinoza e Schelling, segundo a qual a natureza orgânica e a natureza social estão intimamente imbricadas, e, por outro lado, pelas grandes transformações no pensamento filosófico geradas pela tradição materialista que culmina no caráter crítico da filosofia de Marx. É na própria dinâmica da natureza que o autor busca encontrar elemen-

tos e impulsos capazes de contribuir no processo de emancipação social. Utopia, natureza, emancipação e crítica, por isso, estão profundamente imbricados. Em vez de uma concepção emancipatória marcada exclusivamente pela vontade de domínio sobre a natureza, Bloch sugere uma técnica da aliança com a natureza em vez de uma técnica da dominação. Recorre, assim, aos fundamentos comuns entre sociedade e natureza para buscar aí parâmetros críticos e impulsos revolucionários. Para o autor, uma emancipação social autêntica só seria possível com uma simultânea emancipação natural. Ao buscar comprovar que todas as realidades – sejam elas físicas, orgânicas ou sociais – contêm em si infinitas possibilidades de futuro, Bloch insere a utopia como elemento concreto em toda a realidade. Nos seres humanos, um dos elementos impulsionadores da utopia é a fantasia. Ela, no entanto, se diferencia da utopia na medida em que esta é sempre a projeção de uma nova realidade a partir de dados e de possibilidades realmente existentes. Quanto mais, no entanto, o espírito da utopia é alargado, maiores as possibilidades de futuro. Por exemplo, segundo Bloch, ao contrário da dinâmica do capital, que reduz tanto a corporeidade quanto a própria natureza externa ao ser humano a simples objetos mortos, seria importante buscar recuperar a processualidade viva e atuante presente em todas as manifestações naturais, de forma a incluir a própria dinamicidade social nesse processo. Ao invés de apenas naturalizar as relações sociais, Bloch busca e sugere também a humanização da natureza. Faz isso na medida em que desenvolve uma concepção de natureza na qual as dimensões como a utopia social – que geralmente é considerada algo pertencente exclusivamente à “segunda natureza”, ou seja, aos seres humanos – também encontrem lugar na própria natureza. Dessa forma, o autor pretende, por um lado, desvendar as pretensões de dominação inerentes e pressupostas pelas concepções de natureza dominantes na modernidade e, ao mesmo tempo, liberar no-

vos potenciais utópicos e revolucionários. A natureza não é mais encarada como inimiga, mas, sim, como uma aliada do homem, da sociedade e da cultura. Bloch propõe que a própria produtividade da natureza deveria passar a ser a base para a *práxis* revolucionária. Ao recorrer a ela o autor acreditava poder encontrar formas realmente eficazes de resistir às tendências de autoacumulação do capital e para a sua superação. A relação abstrata que temos hoje em relação à natureza seria apenas um correlato da relação abstrata que vige entre nós na sociedade produtora de mercadorias – ambas se implicariam e se condicionariam mutuamente. A filosofia é compreendida, por esse autor, como aquela que, junto com as revoluções e o trabalho, pode ajudar no parto de um novo mundo, o lugar onde o caráter aberto e utópico que marca toda a natureza se manifesta de forma mais intensa. Essa teoria de Bloch orienta fortemente a concepção desta obra, de modo que suas ideias podem ser pinçadas em vários dos escritos constituintes deste livro.

O livro também significa a materialização de um trabalho conjunto (convênio) que busca aproximar pesquisas, pensamentos e esforços entre duas universidades situadas em países tão diversos, como o Brasil e a Alemanha. Os organizadores, no entanto, atuaram e conviveram por alguns anos na Universidade de Kassel/Alemanha, especialmente no Grupo de Trabalho Interdisciplinar sobre Problemas Fundamentais de Filosofia (*IAG Philosophische Grundlagenprobleme*), grupo então coordenado pelo professor Wolfdietrich Schmied-Kowarzik. Schelling, Marx, Bloch, assim como os autores da Teoria Crítica, constituem, de forma significativa, o referencial teórico desse grupo de pesquisa. Unir Filosofia Crítica com Filosofia da Natureza continua sendo a inspiração filosófica do grupo até o momento. Atualmente a constituição e consolidação de um grupo de pesquisa internacional na área de Filosofia da Natureza e a participação na Sociedade Internacional Schelling

e Bloch vêm recebendo os principais esforços, especialmente no âmbito do Instituto para Design Science (<http://www.designscience.de>), vinculado à Universidade de Ciências Aplicadas de Munique.

As afinidades eletivas na área da filosofia vêm se materializando, incluindo o Brasil em comunidades filosóficas das mais avançadas nessa área. Este livro é testemunha de que na área da filosofia a atuação brasileira deixou de ser uma atuação passiva e puramente receptiva. Do ponto das pesquisas alemãs, cada vez mais essa interação é instigada. Ou seja, a abertura e o reconhecimento mútuos tendem a confluir para um novo patamar de elaborações teóricas cada vez mais enriquecidas e plurais.

Por fim, esta obra é também uma oportunidade de autodefinição e de autoconhecimento das nossas identidades filosóficas. É um registro substantivo do modo brasileiro de fazer filosofia e o modo alemão de fazer filosofia na atualidade. Leitores(as) podem perceber, nos diferentes textos, algumas sutis diferenças: há, por exemplo, uma tendência de os textos brasileiros girarem em torno de autores e os alemães em torno de temáticas. Alguns textos brasileiros, embora sejam sobre temáticas específicas, parecem “se esconder” por detrás de autores clássicos da filosofia. O que isso pode vir a significar e os desafios daí decorrentes, isso deixamos para a interpretação dos próprios leitores.

Os textos podem ser lidos em sequência a ser estabelecida por cada leitor. Que cada um(a) construa a constelação que lhe parecer mais rizomaticamente produtiva!

Desejamos uma ótima leitura a todos(as)!

Os organizadores:

*Prof. Dr. Rainer E. Zimmermann*

*Prof. Dr. Rosalvo Schütz*

(Verão de 2011-2012 no Brasil e inverno na Alemanha.)